

HISTÓRIA, MEMÓRIA E SENSIBILIDADES EM FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares¹

Senhor! Me dirigi a Paris a tratar da publicação da Historia Geral. Parei o tempo necessário para me entender com os artistas, e de novo serviu de muito a intervenção do benemerito do Brazil Ferdinand Denis. Estando em França, não pude resistir, por diferença de horas, à tentação de visitar a Hollanda, e cada vez bendigo mais o momento em que tal tentação tive. Não posso explicar a V. M. quanto ahí adquiri, assim nos archivos, guiado pelo Dr. Silva, como nos livreiros em folhetos antigos sobre o Brazil, cartas geographicas, conhecimento mais individual dos chefes holandezes de Pernambuco etc. Varias secções da Historia geral darão disso prova manifesta. Na Hollanda não deixei de parar em Rotterdam, Amsterdam, Leyde, Delft, Utrecht, campo de Zeist (onde estive com o Sr. Netscher), Harlem e Nimégue. Devendo voltar da Hollanda a Barcelona, para não retroceder quasi pelo mesmo caminho, tinha sempre que fazer volta. Resolvi dal-a, ainda em favor da obra que está quasi a passar ao dominio publico, – quiz ir a Dresde consultar o célebre folheto Zeitung ausz Presillg Landt, que cita Humboldt, e que eu depois de o estudar não duvido divergir da opinião deste sábio, e atribui-o ao anno de 1508, como explicarei em uma nota. Passei antes pelo Hannover e Berlim, estive em Potsdam, fui a Praga e Vienna, subi o Danúbio, Ischel, Salzburgo, Munich, Constança, Schasshann, Guvich, Berne, Genebra, Lyon, Avignon, Montpellier, Perpignan e Barcelona. Tudo isto rapidamente, já se vê, e só à força de actividade, e de considerar o viajar e o tempo, uma espécie de obrigação².

O excerto do qual nos apropriamos para a entrada de nossas reflexões sobre a obra varnhageniana apresenta-se de forma emblemática para romper a imagem que se tem do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen: a de que o sorocabano fora um “historiador de gabinete”. Imagem constituída de leituras apriorísticas e avaliações mormente pautadas a partir do estudo, tão somente, de comentadores de sua obra, e rotineiramente depreciativas no intuito de enaltecer a figura de Capistrano de Abreu. Imagem concebida, também, a partir do estudo da *História Geral do Brasil*, e entendimento através do qual se constrói a representação de um Varnhagen que seria filho de sua *História Geral* – e não o inverso.

Não. *História Geral do Brasil* é filha de Varnhagen, de opções, método(s), dos discursos, anseios, da experiência, do rizoma social, cultural e temporal com o qual se entrelaçou seu autor. Daí uma imagem concebida erroneamente, em que Varnhagen confunde-se com as anotações, documentos, livros,

¹ Doutor em História, Faculdades INTA

²VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.p.208-10.

diários, poeira e até com os ácaros espalhados em meio ao seu sóbrio ambiente de trabalho; onde pinça, seleciona, arquiteta e agencia suas memórias em devir história, fabula uma História do Brasil. Como um artesão de uma máquina de Estado, capaz de se somar ao projeto de construção da nação brasileira.

Varnhagen não pára. Ele é um andarilho³. Seus caminhos, o do “bandeirante à busca de mina de ouro da verdade”, como disse Capistrano de Abreu⁴, são orientados por suas inquietações, dúvidas e dilemas. Trilhas e veredas que nos são apresentadas em inúmeras passagens de sua correspondência, de sua obra e por seus comentadores. Apresentamos aqui uma destas oportunidades em que a viagem soma-se ao método: a autópsia⁵ realizada por Francisco Adolfo de Varnhagen. O trecho é de uma carta endereçada ao Primeiro Secretário Perpétuo do Instituto, o cônego Januário da Cunha Barboza:

Na Cananéa fui examinar o Padrao de que fallo à pag. 90 do Diário de Pero Lopes. – É falso o que diz Cazal de se ler alli certo anno, do que elle tira um argumento. Não teve nem tem anno algum especificado. Eu fiz disso lavrar um auto com testemunhas que algum dia apresentarei⁶.

Cananéa, Santos, Paranaguá, Curitiba, Coimbra, Évora, Simancas, Madri, Sevilha, Paris, Londres, Liège, Louvain, Bruxelas, Gand, Bruges, Ostende Colonia, Bonn, Coblentze, Neuvied, Ehrenbreitstein, Mayence, Wiesbaden, Heildeberg, Carlsruhe, Estrasburgo, Cadiz, Sevilha, Córdoba, Granada, Gibraltar, Málaga, Castela, Toledo, Ávila, Valladolid, Valença, Burgos, Leao, Astroga, Tóro, Tordesilhas, Salamanca, Rio de Janeiro, Montevidéo, Assunção, Venezuela, Colômbia, Equador, Recife, Bahia, Santo Amaro, Pará, Parahiba, Rio Grande, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Sul do Brasil, Caracas, Lima, Cuba, Estados Unidos. Coloca-se como que um bandeirante, fosse na civilizada e civilizadora Europa, fosse nas bárbaras republiquetas latino-americanas, na Corte ou nos sertões de sua pátria, representando e/ou pesquisando.

³Cf. CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topói*, V.8, n.15, jul.-dez.2007.

⁴ ABREU, João Capistrano de. *Ensaio e Estudos: crítica e História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.p.83.

⁵ Cf. CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, linguagem, objetos – leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.p.49.

⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. p.61.

Acreditamos que tais caminhos da produção historiográfica varnhageniana fariam inveja ao historiador cearense que acreditávamos, aprioristicamente, fosse profundo conhecedor do sertão profundo, de suas trilhas, dos caminhos do fazer Brasil, conforme concepções apregoadas no ensino de História, em detrimento de Varnhagen.

Supomos que Varnhagen tenha sim se aproveitado de seu cargo, de sua posição social para a realização de pesquisas no sentido de realizar sua *Historia da Civilização Brasileira*. Mas, para além de um viajante, observa-se, conforme aponta Temístocles Cezar, pensando com Michel Foucault, que o desbravar do território e os arquivos apresenta-se como um princípio epistemológico⁷ na produção historiográfica varnhageniana

O olho, como diria Foucault, torna-se o depositário e a fonte da clareza. Não se trata apenas de uma compensação à inexistência de documentos acessíveis ou confiáveis, as de um expediente cognitivo: isto é, a visão aparece não como um último recurso, mas como instrumento de saber; portanto, não como uma metodologia alternativa, mas como fundamento epistemológico da pesquisa. Ou seja, não é buscar no presente os traços do passado de uma forma instantânea e irrefletida; a autópsia não é, em Varnhagen, um dado imediato da consciência, e sim um trabalho intelectual que requer conhecimento anterior e uma constante interlocução entre a inatualidade pretérita e o presente⁸.

Tomamos como seminais para o desenvolvimento das reflexões, as palavras de Temístocles Cezar, para quem o autor da *História Geral do Brasil* escreve a partir do que vê. E mais: Cezar ainda nos informa que “Varnhagen escreve sobre o Brasil não apenas com a documentação que encontra e com os livros que lê, mas também a partir de sua experiência pessoal, de suas escolhas e de suas frustrações”⁹.

Ora, se ele escreveu sua *História Geral* utilizando-se, para além do que pesquisava, de suas leituras, daquilo que escutava e via, mas somando-se a escrita de sua obra, elementos subjetivos dentre os quais sua experiência, desejos e frustrações, tal obra apresenta-se como que um intercessor de si, de sua formação, de sua *protomemória*, de sua *metamemória* e de sua *memória* propriamente dita; elementos

⁷ Cf. CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topói*, V.8, n.15, jul.-dez.2007. Foi possível ainda constatar que a doença que vitimara Varnhagen fora a Tuberculose, conforme nos informa Jarbas Silva Marques. Cf. <http://www.carloshonorato.com.br/pgs/posts/cat1detalhe.php?pageNum_posts=4&totalRows_posts=122&recordID=6>

⁸ CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topói*, V.8, n.15, jul.-dez.2007.p.186.

⁹ idem, p.159.

que hão de se relacionar para a constituição de uma lógica interna em sua obra, para o que nos chama a atenção Joel Candau

L'apprendissage est le processus par lequel un individu enregistre des éléments de son environnement (c' est-à-dire des informations) que modifieront son comportement ultérieur. Cette capacité d'acquisition, limitée, est une notion fondamentale em anthropologie: elle esta u principe de limitation, de la transmission, de la socialisation, de la coopération, de la impropriation [...], qui sont les bases anthropologiques du partage, des manières d'être au monde¹⁰.

Daí acreditarmos difícil pensarmos um Varnhagen maduro, afeito àquilo que chamava de “patriotismo caboclo”, notadamente naquela que temos por sua obra maior, principalmente, em sua primeira edição — até mesmo pelo fato desta apresentar-se como elemento no qual o autor pretende representar a si e à sua pátria, ver-se identificado na mesma. Varnhagen certamente não gostaria de fazer parte de um país, ou de uma nação, que se propusesse vir a ter como símbolo de sua alteridade selvagens e cáfilas de canibais. Neste sentido, Cezar aponta para a própria produção historiográfica varnhageniana como elemento que se apresenta como fundamento da consolidação de sua “nacionalidade” e, o que acreditamos, numa nação imaginada em consonância com suas opções e formação

Com ela se conhece, se compreende. Com ela, Varnhagen prova sua nacionalidade e a do próprio país. A historiografia varnhageniana encerra, assim, um drama de ordem psicológica particular, onde tudo se confunde constantemente: ao mesmo tempo resposta a uma questão existencial e uma tentativa de explicação às necessidades, conscientes ou inconscientes do Brasil: quem somos? De onde viemos? Sua obra, sua carreira diplomática, seus abundantes escritos epistolares, seu testamento, que são elementos constituintes deste discurso do oitocentos — e que chamo de *retórica da nacionalidade* —, participam de uma lógica, ao mesmo tempo, retrospectiva e prospectiva, por meio da qual é possível se perceber a consistência e a constância que ele desejava conferir à sua existência; estratégia de ação que não passa de uma ilusão biográfica¹¹.

Tomando então a *História* varnhageniana como elemento através do qual o futuro Visconde de Porto Seguro pretende, para além de “resolver” quem somos e de onde viemos, auxiliar na constituição do que seremos e na solução de um problema de ordem pessoal: sua nacionalidade, entende-se a impossibilidade dos nativos figurarem como protagonistas de sua obra. Tal elemento, o nativo, teria sim um papel dentro de sua epopéia: valorizar a ação do homem branco e do mestiço, pois foram aqueles pintados pela literatura fundacionista romântica, os que se colocaram

¹⁰CANDAU, Joel. *Anthropologie de la mémoire*. PUF: Paris, 2005. p.23.

¹¹CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topói*, V.8, n.15, jul.-dez.2007,p.188.

impiedosamente em oposição, segundo as concepções varnhagenianas, ao processo de espalhamento da civilização Europeia pelo Novo-mundo. Foram, estes mesmos, apresentados como que “bons-selvagens”, os que por pouco não praticaram a antropofagia com o futuro historiador do Brasil. Como esperar, então, um Varnhagen afeito ao indianismo?

Entendemos que estes mesmos caminhos, pelos quais Varnhagen torna possível uma obra completa e documentada¹², sejam responsáveis também por aquilo que poderíamos nos referir como descaminhos da obra varnhageniana. Ora, se por um lado estas vias percorridas para a produção de um discurso sobre o passado foram as responsáveis pela produção de uma *História Geral* que primava pelo ineditismo de sua base documental, sua abrangência e conhecimento daquilo que narrava¹³, tais caminhos foram os responsáveis, também, pela mudança de sensibilidade que o autor “nutria” perante os nativos. As marcas da experiência, segundo aponta Temístocles Cezar, e acreditamos que também as categorias memoriais propostas por Candau, apresentam-se de reflexas em Varnhagen, ou em seus intercessores, seja em sua obra, seja em sua correspondência. No que diz respeito às marcas assinaladas em Varnhagen pela experiência, não podemos deixar de fazer referência à viagem em que o pesquisador sentira-se ameaçado por nativos em meio à *Estrada Real*. Varnhagen, um combatente, de elite, representante da ilustração, da civilização, um engenheiro militar, ameaçado por bárbaros! Por aqueles que um dia nutriu simpatias!

Supomos, frente ao exposto, nascer nesta viagem de descobrimento(s), um autor declaradamente oposto ao *brasileirismo caboclo*, desde a oportunidade em que, em viagem pela província de São Paulo, na estrada Real, fora atacado por nativos. Data e local nos quais acreditamos ser possível instaurar um ponto de ruptura do futuro Visconde do Porto Seguro com a imagem idealizada dos nativos. Caso tenhamos razão, apresenta-se o evento como elemento que há de invalidar, como já foi dito, qualquer possibilidade de seus algozes apresentarem-se como protagonistas de sua *História Geral do Brasil*, como sugere o trecho em que confessa que

desde então uma profunda mágoa e até um certo vexame se apoderou de mim, ao considerar que, apesar de ter o Brasil um governo regular, em tantos lugares do seu território achavam-se e acham-se ainda um grande

¹² Cf. REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.p.23-50.

¹³ Cf. RODRIGUES, José Honório. Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo. 275, 1967.

número de cidadãos brasileiros à mercê de semelhantes cáfilas de canibais¹⁴.

Caso emblemático de que nos dá maiores informações Clado Ribeiro de Lessa, ao reportar-se que fora ainda na referida viagem quando foram relatados a Varnhagen episódios, narrando ataques dos nativos aos que por ali passavam. Para além de escutar tais histórias, fora necessário que ele se colocasse em armas contra possíveis ataques dos nativos.

Já pela altura de Paranapitanga, onde me demorei por alguns dias, comecei a ouvir contar muitos casos de crueis assaltos e invasões de Índios, que, quando lhes aprazia, chegavam até ali com suas correrias, e traziam a todos cheios de terror e espanto. Passado, porém, mais ao sul, à fazenda de Morungava, confim atual da província de São Paulo com a do Paraná, dela desmembrada, não só ouvi contar novas histórias de assaltos de Bugres, como fui informado, que andavam eles mui perto, e que eu e os meus companheiros poderíamos no dia seguinte ser atacados na estrada, ao atravessar um bosque, felizmente de curta extensão. [...] Ao chegarmos à beira do mato, vi que todos os meus companheiros e seus camaradas e vaqueanos, sem dizer palavra, tiravam as espingardas dos arçõs, e com elas engatilhadas, e como prestes a dispararem, prosseguiram, e me disseram de fazer outro tanto com minhas duas pistolas¹⁵.

Ameaça esta que, para além de mudar a sensibilidade varnhageniana frente aos nativos, leva-o a optar pela negatificação destes em sua obra, assim como na de outros que se inseriam no movimento Romântico. Torna-se, portanto, um crítico daqueles que pretendiam fazer das *catervas de canibais*, os protagonistas, símbolo da brasilidade, ao que rotulou de *patriotismo caboclo*¹⁶. Eleição que, no entender do autor, incorria num erro. Varnhagen chamava a atenção dos poetas orientando que

Lancemos as vistas para o nosso Brasil. Deus o fade igualmente bem, para que aqui venham às letras a servir de refúgio ao talento, cansado dos esperançosos enganos da política! Deus o fade bem, para que os poetas, em vez de imitarem o que lêem, se inspirem da poesia que brota com tanta profusão do seio do próprio país e sejam, antes de tudo, originais-americanos. Mas que por este americanismo não se entenda, como se tem querido pregar nos Estados Unidos, uma revolução nos princípios, uma

¹⁴ Segundo aponta Laura Nogueira Oliveira, Varnhagen chega ao Brasil em julho de 1840 e aqui permanece até abril de 1841; período este em que, como já se disse, excursionou pelo território de sua futura pátria. Conforme indica ainda a autora, as impressões desta viagem foram apresentadas sob o título de *A picada do mato virgem*, texto este que consideramos de fundamental importância para um maior entendimento sobre a traumática experiência de Francisco Adolfo de Varnhagen, e, assim, para que possamos melhor compreender a lógica interna de sua obra, assim como a representação negatizada dos gentios da terra. A autora nos dá a seguinte referência para o texto das impressões do autor: *A picada do mato virgem: fragmento de uma viagem pelo sertão*. O Panorama. Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Lisboa: Tipografia da Sociedade, Tomo VI, p. 221-223, julho de 1842.

¹⁵ LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. *Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 186, 1845.p.80.

¹⁶ Cf. PUNTONI, Pedro. O Sr. Varnhagen e o patriotismo caboclo. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003.p. 633-675.

completa insubordinação a todos os preceitos dos clássicos gregos e romanos, e dos clássicos da antiga mãe-pátria. Não. A América, nos seus diferentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descritivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem, mas enganar-se-ia o que julgasse que para ser poeta original havia que retroceder ao abc da arte, em vez de adotar e possuir-se bem dos preceitos do belo, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que, para buscar originalidade, desprezasse todos os elementos da civilização, todos os preceitos da religião que nos transmitiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir efeito e ostentar patriotismo, exaltando as ações de uma caterva de canibais que vinha assaltar uma colônia de nossos antepassados só para os devorar? Deu-nos Deus a inspiração poética para o louvarmos, para o magnificarmos pela religião, para promover a civilização e exaltar o ânimo a ações generosas, e serão amaldiçoados [...]. Infeliz do que dela se serve para injuriar sua raça, seus correligionários e, por ventura, a memória de seus próprios avós!¹⁷.

Apontamento para o qual nos chama atenção também Américo Jacobina Lacombe, ao referir-se ao fato de que “o indianismo Romântico não era considerado por Varnhagen só um erro, mas um perigo, pondo em dúvida a validade de toda a obra política portuguesa e brasileira”¹⁸.

Ora, inferimos das leituras na *Revista do Instituto Historico*, da obra de Varnhagen, e das leituras dos analistas de sua obra, que os trabalhos realizados pelo futuro Visconde tinham por objetivo pensar e produzir uma historiografia capaz de se somar ao projeto de civilização do Brasil e dos brasileiros. Frente tais objetivos, como tomar feras e homens-fera, cáfilas de canibais, como símbolo da nacionalidade brasileira? Ou ainda, como tais elementos avessos e alheios *aos cômodos da civilização* haviam de inspirar o povo brasileiro para práticas convergentes à criação do sentimento de pertença – caros aos indivíduos civilizados, a um império uno que viabilizasse o nacionalismo? Seria possível frente à experiência, opções de formação de Varnhagen?

O autor agencia sua História como que um intercessor de si. Materializa sua imaginada *Historia da Civilização Brasileira*¹⁹ da maneira pela qual se deseja representar, como deseja ser visto, representando a pátria que lhe acolhera. A narrativa em Varnhagen apresenta-se como um intercessor daquilo que imagina, projeta de si e

¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Ensaio histórico sobre as letras no Brazil*. Utilizamos-nos desta obra de Varnhagen em meio digital, daí a grafia diversa da coeva. Disponível em: <
<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01361686455682402190802/p0000001.htm>>
Acesso em 05 out. 2016. – grifos nossos.

¹⁸ LACOMBE, Américo Jacobina. As idéias políticas de Varnhagen. *Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo. 275, 1967. p.143.

¹⁹ A História Geral do Brasil fora inicialmente pensada com o título de *Historia da Civilização e Geographia Physica do Brazil*. Cf. VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

da / para a “nação” da qual descende. Mais do que dar-lhe um passado, era necessário garantir-lhe um determinado presente e, notadamente, um futuro. Não seria, portanto, aos olhos do historiador, com uma narrativa referenciada em elementos que tocavam negativamente sua sensibilidade, que se constituiria o Brasil como nação.

Varnhagen agencia a sua *Historia Geral do Brasil* a partir de suas opções, experiências e sua(s) memória(s). Como ostentar a nacionalidade em sua obra maior, referenciando-a com canibais, autóctones invasores e gentios que, antes de contribuírem para o engrandecimento do Estado e formação da nação, somavam-se, em sua divisão, para a ruína da civilização? Neste sentido, consideramos imperiosa a referência de Varnhagen ao *patriotismo caboclo*, apontado a Pedro II, em correspondência, em que o missivista apresenta tal literatura, a indianista, como uma ameaça ao projeto de civilização e constituição da nação. Diz ele que

a leitura de uns artigos dos dois primeiros números do *Guanabara* sobre Berredo moveu-me a não deixar para mais tarde a solução de uma questão importante acerca da qual convem muito ao paiz e ao Throno que a opinião se não extravie, com idéas que acabam por ser subversivas. Submetto, pois, a V. M. a memória junta acerca de como se deve entender a nacionalidade brasileira, e a V.M. Imperial fica o dar-lhe o destino que mais convincente Julgue²⁰.

A crítica de Varnhagen ao enaltecimento dos nativos explica, em parte, a fria recepção que a *Historia Geral do Brazil* tivera no Instituto Histórico. Ainda que Varnhagen fosse desejoso de que sua obra fosse direta e oficialmente adotada pelo Império, tornada Máquina de Estado, ele se apresenta cômico dos limites da mesma, e a possível hostilidade que causaria ao eleger, em *tempos Românticos*, e a despeito das simpatias nutridas por D. Pedro II pelo indianismo²¹, o elemento europeu como motor da História do Brasil.

Se eu fora ambicioso — fora de razão — revolucionariamente — houvera começado por adular a multidão, em vez de combater suas opiniões erradas; houvera tratado de lhe pregar os seus direitos e não os seus

²⁰ Clado Ribeiro de Lessa em nota à carta de Varnhagen a Pedro II, enviada de Madri, em 18 de julho de 1852, informa que A referida leitura fora da introdução à segunda edição dos *Anaes do maranhão* de Bernardo Pereira de Berredo, escrita por Gonçalves Dias em 1849, e reeditada no 1º e 2º números do *Guanabara*, de que era um dos redatores. Aí o poeta maranhense teceu um apaixonado e romântico ditirambo das qualidades da raça tupi, que considerava a verdadeiramente representativa da nacionalidade. Varnhagen, como é sabido, discordava fundamentalmente do autor de *Y-yuca-pirama* nesse ponto. VARNHAGEN, Francisco Adolfo. Correspondência ativa. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. p 187.

²¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

deveres; houvera pregado o subversivo caboclismo, que por fim tinha de contender com V.M.I.²².

Vale apontar que Francisco Adolfo de Varnhagen não fora desde sempre um antiindianista, para o que nos chama atenção Temístocles Cezar, segundo o qual tanto suas relações com Alexandre Herculano quanto sua colaboração com o periódico *O Panorama: jornal de Litterario e instructivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis*²³, do qual fora diretor suplente desde 1837²⁴, são “indicadores seguros de que ele não fora por toda sua vida um anti-Romântico”²⁵. Essa mudança na perspectiva da apreensão do nativo na obra varnhageniana é tornada emblemática na polêmica que é dada a ler; o que podemos observar na polêmica de Varnhagen com o Sr. Lisboa.

as illusões com que havia embalado o espirito no seio das grandes cidades se dissiparam n’um só dia; à maneira do que se passou com alguns políticos franceses ultra-philantropicos por theoria, durante toda a sua vida, e que tiveram que converter-se a idéas mais positivas e reaes, em presença dos horrores de Robespierre e de Marat, e em nossos dias das proprias scenas de 1848²⁶.

E ainda:

Durante os meus primeiros anos de aplicação e de estudos feitos na Europa sobre as nossas cousas, confesso que não tinha eu acerca do caráter dos nossos Índios nenhuma ideia segura, ou para melhor dizer, achava-me acerca deles todos sob a impressão da carta de Pero Vaz de Caminha, que quase chegava a invejar a inocência dos Tupiniquins encontrados por Cabral em Porto Seguro; e sob essa impressão escrevi algumas linhas da “Crônica do descobrimento do Brasil”²⁷.

A literatura, bem como à produção historiográfica, fosse para Varnhagen, fosse para a comunidade de imaginação associada ao Instituto, havia de se somar para a realização de um presente e um futuro fabulado pela cadeia de intercessores

²²VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Correspondência ativa*. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. p.245.

²³ Sobre o periódico *O Panorama: jornal de Litterario e instructivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis*, sugerimos a leitura de LIMA SANT’ANNA, Benedita de Cassia. *O Panorama (1837-1868): História de um jornal. Patrimônio e Memória*, Assis, V.4, n.2, p.244-262, jun.2009. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v4.n2/artigos/panorama.pdf> Acesso em 20 jul. 2016. Em análise ao referido periódico oitocentista, em sua *ficha histórica*, observamos que não é feita referência ao nome de Francisco Adolfo de Varnhagen, mas a Friedrich Ludwig Wilhelm de Varnhagen. Cf. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Panorama/Panorama.pdf>> Acesso em 15 set. 2016.

²⁴ Cf. GUIMARÃES, Lúcia Paschoal. Francisco Adolfo de Varnhagen. *História geral do Brasil*. In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: SENAC, 2001, p. 75-96

²⁵ CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topóis*, V.8, n.15, jul.-dez.2007, p.162.

²⁶ VARNHAGEN, F. A. de. *Os Índios bravos e o Sr. Lisboa*. Lima: Imprensa Liberal, 1867, p. 36-38.

²⁷ idem

imperiais: a nação brasileira. Constatação que nos é evidenciada quando Januário da Cunha Barboza refere-se ao fato de que a história havia de se colocar como um *archote* capaz de *acelerar a marcha dos homens* rumo ao seu desenvolvimento. É o que nos é dado a ler em discurso proferido pelo cônego, em virtude da 4ª sessão pública aniversária do *Instituto*, realizada a 27 de novembro de 1842. Diz ele que

Rastejar vestígios de povos civilizados, que por ventura hajam habitado esta bella região; salvar da voracidade dos tempos monumentos e escriptos fidedignos para a Historia e Geographia do paiz; propagar pelas classes menos illustradas o brilhante lume que os primeiros fostes em accender n'este continente, outrora opresso e obscurecido pelo regimem colonial; consagrar altares á virtude, sem a qual a mais vasta e bem cuidada erudição torna-se supérflua e até perigosa (a nação prescinde de archotes que fascinam e cegam; necessita de prâroes que enderecem e guiem), são o dever principalíssimo das sociedades scientificas, e nisso emprega o Instituto seus assíduos desvêlos. Eis, Senhores, porque diviso no futuro claros destinos a esta nossa associação; nella contemplará a pátria agradecida o berço da Litteratura Brasileira, como na Arcadia Lusitana nasceu, em 1779, a Academia Real das Sciencias de Lisboa: se perseverante e fiel em sua vocação, continuará a merecer a benevolência e as graças do nosso Augusto Protector, o tributo de louvor e admiração do mundo universo²⁸.

O matiz desta produção intelectual da Casa e de seus associados, maiores ou menores, coloca tanto Varnhagen, com suas opções e pragmatismo em sua produção historiográfica, quanto uma das falas que temos por mais emblemáticas do Instituto, a de Januário da Cunha Barboza, na esteira da produção historiográfica à qual se refere Arno Wehling. Varnhagen e seus pares da Casa acreditavam ser função tanto da produção historiográfica quanto da literatura a soma de esforços para a consolidação das instituições²⁹ e da própria nação. Daí entendermos ser possível objetivar a produção historiográfica varnhageniana, segundo aponta Arno Wehling, como representante do *historicismo*³⁰ no Brasil, e entendia que a produção do intelecto havia de contribuir para a realização de um futuro.

Analisando o exposto até o momento, seja da correspondência, da formação ou da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, sob as lentes desenvolvidas a partir das reflexões desenvolvidas com a leitura de Bronislaw Baczko, observamos que o conjunto de sujeitos pinçados por Varnhagen para figurarem em sua *Historia Geral do Brasil* é fruto de sua experiência, desejos, aspirações e motivações.

²⁸ *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo IV, 1842, p.3-4.(suplemento).

²⁹ CF. WEHLING, Arno. *Estado, História e Memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.p.37 e 58

³⁰ *idem*,p.35-6.

Os mais estáveis dos símbolos estão ancorados em necessidades profundas e acabam por se tornar uma razão de existir e agir para os indivíduos e para os grupos sociais. Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações. Qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças. [...] Os imaginários sociais fornecem, deste modo, um sistema de orientações expressivas e afectivas que correspondem a outros tantos estereótipos oferecidos aos agentes sociais: ao indivíduo relativamente ao seu grupo social; aos grupos sociais relativamente a sociedade global. [...] A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social informa, acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à acção, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma acção comum. Por exemplo, as representações.³¹

As opções de Varnhagen tornam-se claras frente às reflexões de Baczko. Ora, se a construção e o compartilhamento de um determinado imaginário que havia de ser disseminado pelo discurso historiográfico a partir das práticas e cultura escolar³² com vistas à inspiração nacionalista, a instituição de práticas, o despertar sentimentos, comportamentos e a canalização de energias em nome de um determinado “*estar no mundo*”, como esperar um Visconde do Porto Seguro em sua maturidade, ou, notadamente, o Varnhagen ao longo dos anos em que materializa sua *Historia Geral do Brasil* na década de 1850, afeito a um “*patriotismo caboclo*”? Varnhagen não agencia o passado pelo passado, mas sim em função de um presente e da fabulação de um futuro, consoante às suas aspirações, sua protomemória, sua metamemória e sua experiência. Um militar, adorador do mundo civilizado, que viveu a maior parte de sua vida na civilizada e civilizadora Europa, e que fora constrangido — ou talvez seja mais apropriado dizer —, humilhado por nativos no emblemático episódio ocorrido na estrada Real.

³¹Baczko, Bronislaw. A imaginação social, In: LEACH, Edmund (org.). *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.p.311.

³² Dominique Julia assim se refere à cultura escolar: “(...) poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).” Cf. JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001. p.10-11.

A narrativa varnhageniana, tanto em suas opções quanto em se tratando de seu estilo – ou à falta dele — apresenta-se, portanto, como que a extensão de seu autor, de suas aspirações, de seus desejos e de suas experiências; um ponto de convergência do rizoma no qual o autor estava inserido. Ainda que possamos julgar o estilo de Varnhagen como alheio à poética de sua obra, ele se apresentava cômico de sua importância na materialização de sua *História Geral do Brasil*.

Venha, porém, o homem mais erudito nos annaes historicos d'um paiz, e seja elle tão philosopho e estadista quanto se queira, poderá ainda escrever uma péssima historia, com que não ature um só leitor, se o desalinho da linguagem e a incorrecção de frase a faz confusa, ou o que ainda é peor, se os ornatos pretenciosos, alheios tantas vezes á difficil 'facilidade' que deve mostrar o estylo, a tornão desagradavel. Na narração histórica, o historiador deve quanto possa aproximar seu estylo do dos oradores de tribuna. Cumpre ser correcto, puro, harmonioso e tão elegante quanto possa, sem cair em affectação. Todo escripto historico depende de narração; [...] Pelo que fica dito, obvia é a necessidade de que o historiador seja a um tempo erudito, philosopho, e litterato. Como, porém, exigir-se poesia na Historia, quando parece que a invenção d'aquella tão opposta é a verdade n'esta requerida. Entendamo-nos. Exige-se no historiador algum gênio poetico mas não para 'improvisar'. A poesia, em sua accepção mais lata, tem por fim verdadeiramente a expressão do bello e do sublime, quer com a harmonia da palavra, quer com os sons da musica, quer com o pincel ou o cinzel, quer finalmente com as proporções architectonicas. Tem alma poetica todo o que é capaz de conceber e definir, por qualquer d'estas formas, o bello e o sublime; mas, verdadeiramente, só é poeta o que, em lugar de combinar os sons a manejar o pincel ou o cinzel, ou servir-se do esquadro (isto é, em lugar de ser musico, pintor, esculptor ou architeto), domina a palavra e a obriga a moldar-se á sua concepção 'poetica'. Factos há tão sublimes na historia de todos os povos, paragens tão encantadoras em alguns paizes, como no nosso, acções tão bellas e generosas de alguns heroes, que o historiador que os não descrevesse poeticamente não interessaria o leitor, de um modo conveniente á propria verdade. Não poderá, porém, via de regra, ter todos os dotes de historiador um poeta, digamos assim, de profissão. A propria erudição historica que tem de colher, os aridos estudos de politica e legislação a que se deve dedicar não se coadunão com a impaciencia dos grandes genios criadores, e serão, só por si, capazes de suffocar muito estro a menos que o poeta não fosse d'esses privilegiados do Céu, como os Schiller e os D. Francisco Manueis, que reunião ao estro grandes dotes historiographicos. Deve, pois, alguma vez que outra, o historiador, sentir como os poetas, e expressar-se como elles, para poder desempenhar o seu mister. Algumas imagens poéticas não só concilião ás vezes mais 'interesse', como dão á pintura mais 'verossimilhança'³³.

³³ O trecho referido, originalmente, é da obra *Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil*, de autoria de Francisco Adolfo de Varnhagen. O texto, conforme aponta Laura Oliveira, foi a público pela primeira vez em 1857, quando o autor o apresentou em leitura perante Academia da História de Madri, vindo a ser publicado pela primeira vez no Brasil, apenas em 1848 no Anuário do Museu Imperial. Cf. OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada: 'recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Letras: estudos literários, Faculdade de Letras, 2007.p.15 e 80-1.

O Próprio Varnhagen apresentava-se cômico da importância do estilo sobre o qual o pretérito deveria ser urdido, mas, por outro lado, informa que a utilização do mesmo pode apresentar certos perigos àquele que escreve, dentre os quais os ornatos pretenciosos de estilo, que poderiam comprometer a leitura, tornando-a desagradável. Varnhagen preferia o estilo contundente e motivador de uma retórica de tribuna. Papel este, a ser desenvolvido pela historiografia, que como apontara Martius, não deveria agradar somente à inteligência mas também ao coração. Historiografia esta, que também só poderia ser produzida por um coração moldado pelas sensibilidades e experiências coevas ao autor.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Ensaio e Estudos: crítica e História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

Baczko, Bronislaw. A imaginação social, In: LEACH, Edmund (org.). *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CANDAU, Joel. *Anthropologie de la mémoire*. PUF: Paris, 2005.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, V.8, n.15, jul.-dez.2007.

CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, linguagem, objetos – leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004.

GUIMARÃES, Lúcia Paschoal. Francisco Adolfo de Varnhagen. *História geral do Brasil*. In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: SENAC, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001.

LACOMBE, Américo Jacobina. As idéias políticas de Varnhagen. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo. 275,1967.

LIMA SANT'ANNA, Benedita de Cassia. O Panorama (1837-1868): História de um jornal. *Patrimônio e Memória*, Assis, V.4, n.2,p.244-262, jun.2009. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v4.n2/artigos/panorama.pdf> Acesso em 20 jul. 2016.

O Panorama. *Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa: Tipografia da Sociedade, Tomo VI, p. 221-223, julho de 1842.

PUNTONI, Pedro. O Sr. Varnhagem e o patriotismo caboclo. In: JANCÓS, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

RODRIGUES, José Honório. Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil. *Revista do Instituto Historico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo. 275, 1967.

Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, Tomo IV, 1842, (suplemento).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Correspondência ativa. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

VARNHAGEN, F. A. de. *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa*. Lima: Imprensa Liberal, 1867.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Ensaio histórico sobre as letras no Brazil*. Utilizamos desta obra de Varnhagem em meio digital, daí a grafia diversa da coeva. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01361686455682402190802/p0000001.htm>> Acesso em 05 out. 2016.